

Ornamentos Externos do Palacete Museu Casa da Memória Italiana

Autores: Paulo Sérgio Oliveira dos Santos¹, Henrique Telles Vichnewski²

^{1,2}Centro Universitário Barão de Mauá

¹paulosergiooliveiraa23@gmail.com – Arquitetura e Urbanismo, ²henrique.telles@baraodemaua.br

Resumo

O projeto de pesquisa aborda a análise e interpretação dos ornamentos externos do Palacete *Museu Casa da Memória Italiana* em Ribeirão Preto, SP. Originalmente representando o poder econômico do café pela família Meirelles e posteriormente adquirido pelos Biagi que é quem mantém a propriedade até os dias atuais, o palacete mantém sua integridade arquitetônica ornamental. O estudo envolveu coleta de dados históricos, documentais e inspeção visual detalhada dos ornamentos, destacando a importância da contextualização histórica para compreender os significados culturais e estéticos. O relatório dessa pesquisa ressalta a preservação ornamental estética do Museu Casa, concentrando-se nos ornamentos externos do palacete eclético construído entre os anos de 1923 a 1925.

Introdução

A análise dos elementos decorativos permitiu compreender a influência cultural europeia na arquitetura do Museu Casa e identificar tipologias arquitetônicas específicas presentes nas fachadas. O imóvel apresenta uma arquitetura com características e elementos de tipologia eclética com referências ao neocolonial simplificado, e foi projetado pelo arquiteto Arnaldo Maia Lello em 1923.

A “nova burguesia paulista, conformada pela elite cafeeira, que agora possuía perfil administrativo de vários investimentos, encontra o significado desta nova sociedade na civilização, ou seja, ser civilizado era possuir boas maneiras, saber e praticar a etiqueta (...) e seguir as regras de discrição e polidez” (GLERIA, 2013, p. 178).

Embora, apesar de tardio, se comparado com caracterização arquitetônica da época na capital paulista, a cidade de Ribeirão Preto começa, vagarosamente, a demonstrar sua posição rica e próspera expressa nos novos traçados, edificações e melhorias urbanas, ao menos, na área central. A adoção de uma ideologia arquitetural eclética e monumental alinhava-se com

os ditames da recém-instaurada República que, apropriada pela nova burguesia local, tinha como pretensão “demonstrar a nova posição da cidade através de uma arquitetura luxuosa”, definida a partir de programa arquitetônico que expressasse “ordem, disciplina, contenção, equilíbrio, razão e nobreza”; e do eclético como: “dramaticidade, conforto, expressividade, luxo, emoção e exuberância” (GLERIA, 2013, p. 178-179).

A presença de símbolos e referências culturais europeias nos ornamentos externos reflete a importância da comunidade italiana em Ribeirão Preto e seu papel na formação da identidade local. Esses ornamentos desempenham um papel fundamental na preservação da memória e na valorização do patrimônio cultural, fortalecendo o sentido de pertencimento da comunidade italiana na região.

Podemos classificar as obras ecléticas paulistana e isso até seria válido para outras localidades brasileiras, em vários grupos digamos estilísticos; alguns de existências concomitantes, outros surgidos em sequência temporal. Todos, como é natural, com áreas limítrofes de transição caracterizadas pela superposição de elementos semânticos do vasto vocabulário historicista, o que dificulta, às vezes, uma apreciação correta. Praticamente todos esses grupos, uns mais, outros menos, surgiram no panorama arquitetônico a partir do “saber fazer” que não prescindia, em hipótese alguma, de materiais estrangeiros de impossível industrialização local. (LE MOS, 1987, p. 74)

O Palacete, com sua arquitetura eclética em 1923, não é apenas um testemunho do passado, mas um elo vivo que une as gerações presentes e futuras à história da cidade. Ao explorar o papel fundamental dos ornamentos externos na preservação da memória e na valorização do patrimônio cultural, este estudo visa contribuir não apenas para o entendimento do Palacete Museu Casa, mas também para enriquecer o diálogo sobre a importância da preservação do patrimônio em geral. A diversidade estilística, característica

do ecletismo da época, traz desafios significativos na classificação das obras, como apontado por Lemos (1987). O panorama arquitetônico eclético paulistano, e por extensão, brasileiro, é composto por diversos grupos estilísticos coexistentes e sucessivos, dificultando uma apreciação precisa e evidenciando a sobreposição de elementos semânticos. Este estudo direciona seu enfoque exclusivamente para os ornamentos externos do palacete, tais como fachadas, janelas, portas e elementos visuais, deixando de lado os elementos internos do edifício. O objetivo primordial é analisar e compreender a importância e os simbolismos destes ornamentos, explorando sua diversidade de estilos e influências.

Casas paulistas projetada na década de 20, à semelhança de outras milhares em que todo o conjunto de clichês saídos do Neocolonial estão patentes, compondo uma arquitetura eminente popular, onde a classe média assume o papel de criadora de uma linguagem (LEMOS,1987, p. 96)

Ribeirão Preto, berço de culturas entrelaçadas, abraça em seu seio o *Museu Casa da Memória Italiana*, um elo vívido com o passado e uma testemunha arquitetônica. Erguido em 1923 pelo visionário arquiteto Arnaldo Maia Lello, entrelaçaram com o tecido urbano de Ribeirão Preto. As primeiras décadas XX foram marcadas por uma efervescência cultural e arquitetônica em São Paulo influenciado por movimentos europeus que desembarcaram nas terras paulistas trazendo consigo uma riqueza de estilos. Nesse contexto, o *Museu Casa*, com uma construção eclética que, apesar de suas raízes no neocolonial simplificado, tornou-se um reflexo da complexa arquitetura da época. A comunidade italiana, que floresceu em Ribeirão Preto no século XX, contribuiu imensamente para a formação do patrimônio cultural da cidade. O *Museu Casa da Memória Italiana*, ao incorporar elementos arquitetônicos específicos, tornou-se um ponto focal dessa herança. A análise dos ornamentos das fachadas não é apenas uma exploração estética; é uma jornada para desvendar as histórias entrelaçadas desses ornamentos com a identidade italiana, as influências históricas e as aspirações arquitetônicas que definiram a paisagem urbana de Ribeirão Preto.

Neste estudo, aprofundaremos de forma minuciosa essa análise, explorando desde elementos esculturais até detalhes decorativos, a fim de compreender não apenas sua estética, mas também o contexto social, cultural e histórico que os inspirou.

Figura 1. Fachada Principal do *Museu Casa Memória Italiana*.



Fonte: Acervo do Museu Casa da Memória Italiana.

Objetivos

Esta pesquisa de iniciação científica tem como objetivo realizar um levantamento detalhado dos ornamentos externos do *Palacete Museu Casa da Memória Italiana* em Ribeirão Preto/SP. A investigação abrange a identificação das tipologias de ornamentos em diversas partes do Palacete, como fachadas, janelas e portas, incluindo esculturas, relevos, frisos e cartela. Além disso, busca-se explorar o contexto histórico da construção do palacete, considerando a época, influências arquitetônicas e culturais para proporcionar uma compreensão mais profunda da importância dos ornamentos externos em relação à história da construção. Os resultados almejados desta pesquisa contribuirão para uma análise abrangente desses ornamentos, destacando suas implicações históricas, culturais e estéticas. O entendimento aprimorado das características e importância dos ornamentos permitirá oferecer recomendações para a preservação do *Palacete Museu Casa da Memória Italiana*, promovendo sua valorização como um significativo símbolo da cultura italiana em Ribeirão Preto.

Métodos/Procedimentos

A metodologia proposta para essa pesquisa sobre a análise dos ornamentos externos do *Palacete Museu Casa da Memória Italiana* que abrange as seguintes etapas:

Revisão Bibliográfica: Conduzir uma pesquisa bibliográfica abrangente sobre a arquitetura eclética, o neocolonial simplificado e a cultura italiana. Esta revisão visa estabelecer um embasamento teórico para compreender o contexto histórico, estilístico e cultural em que o palacete está inserido, proporcionando uma contextualização significativa para os ornamentos externos.

Levantamento Visual: Realizar um levantamento visual detalhado dos ornamentos externos do

palacete, utilizando recursos como fotografias, desenhos e representações visuais. Essa abordagem permitirá uma análise minuciosa de cada elemento decorativo, capturando sua riqueza estética e detalhes específicos.

Análise Estilística e Classificação e Tipologia dos Ornamentos: Realizar uma análise estilística dos ornamentos externos, identificando elementos característicos dos estilos clássico, eclético e neocolonial simplificado. Essa análise incluirá comparações com outros exemplos arquitetônicos do mesmo período e estilo, buscando identificar padrões estilísticos e possíveis influências.

Estudo Iconográfico e Simbólico: Investigar o simbolismo e a iconografia presentes nos ornamentos externos do Palacete. A pesquisa abordará elementos decorativos que remetam à cultura italiana, à história da imigração italiana e outras referências culturais relevantes. Essa análise interpretativa destacará como esses elementos contribuem para a identidade e memória da comunidade italiana em Ribeirão Preto.

Desse modo essa metodologia abrangente busca não apenas documentar, classificar e analisar os ornamentos externos, mas também contextualizá-los historicamente, interpretar seus significados culturais e contribuir para a conservação e valorização desse importante patrimônio.

Resultados e Discussões

A análise dos ornamentos externos do Palacete *Museu Casa da Memória Italiana* em Ribeirão Preto/SP revela aspectos significativos sobre a arquitetura eclética e o neocolonial simplificados presentes no edifício. Ornamentos esses que desempenham um papel fundamental na identidade e na memória da comunidade italiana na região.

Fachada Principal

Figura 1. Elevação Fachada Principal do *Museu Casa Memória Italiana*.



Fonte: Arquivo Público Histórico de Ribeirão Preto.
Montagem do Autor.

1. Coluna:

O fuste da coluna exibe volutas em seu capitel, contendo um festão que, na versão construída, não está presente. A coluna atual apresenta uma

forma mais robusta e menos linear, carecendo de frisos, assumindo uma estilística menos clássica. Os capitéis jônicos, elementos arquitetônicos distintivos que adornam colunas jônicas na arquitetura clássica, são parte integrante das três ordens, juntamente com as ordens dóricas e coríntias. O capitel jônico exibe características elegantes e graciosas, notavelmente o echinos, a porção inferior do capitel, frequentemente modelada como um pedaço de um paralelepípedo curvado, elevando-se suavemente em direção ao centro. O ábaco, a parte superior do capitel, atua como plataforma para sustentar o arquitrave, o elemento horizontal que suporta a carga estrutural acima. Geralmente retangular e mais largo que o echinos, o ábaco incorpora volutas espiraladas em ambos os lados do echinos, uma característica distintiva do capitel jônico que contribui para sua elegância. No centro do echinos, frequentemente se esculpe uma flor-de-lis ou um elemento floral estilizado, adicionando um toque decorativo que destaca a sofisticação do capitel. O necking, localizado abaixo do capitel, caracteriza-se por um sutil estreitamento que conecta a parte superior da coluna ao echinos. Algumas variações do capitel jônico incluem um elemento decorativo conhecido como fólio ou palmeta, que se estende horizontalmente a partir das volutas, adicionando complexidade ao design. Entretanto, é importante ressaltar que, no caso da Casa da Memória Italiana, a estrutura não corresponde a uma coluna clássica, mas sim a uma expressão mais estilizada.

Em geral o capitel compõe-se de colarinho, esquino e ábaco. É o elemento básico para classificar as ordens arquitetônicas, bem como para caracterizar os estilos. A sua origem pode ser encontrada na sapata de madeira interposta entre uma coluna e o lintel que suporta. Os primeiros capitéis aparecem no Egito, alguns dos quais se reduziram a um simples ábaco quadrado (colunas proto-dóricas). Na Pérsia, foram construídas com duas figuras contrapostas entre as quais se deixava um recesso onde se apoiava a arquitrave. No período greco-romano desenvolveu-se especialmente multiplicando-se a sua variedade. No Românico adquire um sentido didático. No Gótico são simplificados e até mesmo substituídos por simples molduras. O estilo bizantino toma como modelo o capitel coríntio. A partir do Renascimento retorna-se as ordens clássicas. Com o desaparecimento da coluna na arquitetura contemporânea, é relegado a ser apenas um motivo decorativo em alguns edifícios aos quais em alguns casos, aporta uma grande originalidade (Sagrada Família,

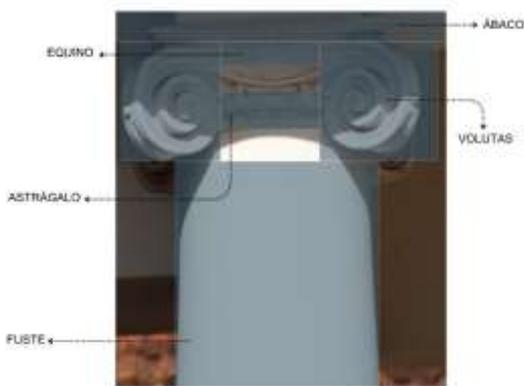
em Barcelona). (ESCUREDO, Lorenzo de La Plaza.2014, p. 165)

Figura 3. Capitel do Museu Casa Memória Italiana.



Fonte: Acervo de Paulo Sérgio em 07/2023.

Figura 4. Capitel do Museu Casa Memória Italiana.



Fonte: Acervo de Paulo Sérgio em 07/2023.

2. A cartela:

Localizada no corpo superior da fachada, que exibe festões ou frisos. Este ornamento apresenta folhas de acanto ou parreiras e frutas da época clássica.

Em Festão. Motivo ornamental que pode ser formado por um perfil ondulado ou com pontas lóbulos em série ou grinalda de flores, folhas ou frutos pendurados de forma ondulada. (ESCUREDO, Lorenzo de La Plaza.2014, p. 295)

No estilo rococó, a cartela assemelha-se a folhas de pergaminho torcidas, conferindo refinamento ao conjunto arquitetônico. A cartela, enquanto elemento decorativo arquitetônico, é semelhante a uma placa ou painel, geralmente apresentando um contorno retangular ou oval. Essa peça, frequentemente adornada, é incorporada em uma

estrutura arquitetônica para fins decorativos, transmitindo uma mensagem visual ou destacando uma área específica. Cartelas são comumente encontradas em fachadas de edifícios e podem assumir diversas formas, incluindo retangular, oval, curvilínea ou elaborada. Geralmente planas, a área interna pode ser esculpida em relevo para adicionar detalhes ornamentais, como evidenciado na fachada do *Museu Casa da Memória Italiana*. Elas são frequentemente integradas em cornijas, frontões, painéis de parede e outras partes da arquitetura, onde uma área decorativa é desejada, sendo posicionadas para atrair a atenção ou destacar uma seção específica do edifício, como nas extremidades das fachadas do museu. A ornamentação das cartelas é diversificada, podendo exibir relevos esculpidos, inscrições, motivos florais, figuras mitológicas ou outros elementos decorativos, dependendo do estilo arquitetônico e do propósito da decoração. Em muitos casos, as cartelas são utilizadas para transmitir informações ou simbolismo, incluindo inscrições com nomes de edifícios, datas significativas ou brasões de armas, servindo como elementos narrativos ou portadores de mensagens visuais.

Figura 5. Elemento Cartela da Fachada do Museu Casa Memória Italiana.



Fonte: Acervo de Paulo Sérgio em 07/2023.

Por fim, a cartela é um elemento decorativo arquitetônico com uma história rica, evoluindo ao longo de diferentes períodos e estilos arquitetônicos. Sua origem remonta à arquitetura da Grécia Antiga e Roma na antiguidade clássica. Nas civilizações grega e romana, as cartelas eram frequentemente utilizadas em frisos e frontões de templos para exibir inscrições, nomes de divindades ou dedicações. Durante o Renascimento, houve um ressurgimento do interesse pelos estilos clássicos, incorporando cartelas em edifícios renascentistas para imitar a estética da Grécia e Roma antigas. Nos períodos Barroco e Rococó, as cartelas atingiram novos patamares de ornamentação, sendo incorporadas

em elementos decorativos de interiores, como painéis de madeira esculpida e molduras ornamentadas. Durante o movimento neoclássico nos séculos XVIII e XIX, as cartelas eram frequentemente utilizadas em cornijas, frisos e frontões de edifícios neoclássicos. No século XX, com a variação de estilos arquitetônicos, desde o modernismo até o ecletismo, as cartelas continuaram a ser usadas, adaptando-se a interpretações contemporâneas. Na arquitetura contemporânea, que muitas vezes favorece linhas mais limpas e designs minimalistas, elementos tradicionais como cartelas são reinterpretados de maneiras inovadoras para se adequar ao contexto moderno.

CARTELA – Superfície lisa num pedestal, numa parede etc. e destinada à gravação ou superposição de legenda. (LEMOS, Carlos.1921, p. 111)
CARTULA – O mesmo que CARTELA, apenas simulando uma folha de papel ou pergaminho, com inscrições de dístico. O termo é mais aplicado quando se trata de cartela situada em monumentos ao ar livre, ou em portais nobres. (LEMOS, Carlos.1921, p. 111)

3. Corpo de Pedra:

O corpo de pedra, também conhecido como bossagem rústica, representa uma técnica de acabamento arquitetônico que confere uma textura grosseira e irregular à superfície de uma estrutura. Essa técnica é frequentemente associada a estilos arquitetônicos que buscam uma estética mais robusta e tradicional, transmitindo uma sensação de rusticidade e solidez. No *Palacete Museu Casa da Memória Italiana*, essa abordagem é notavelmente empregada em quase toda a fachada do corpo inferior. A característica mais distintiva da bossagem rústica é a textura irregular e áspera que ela imprime à superfície da construção. Essa característica é obtida através da criação de proeminências ou saliências na superfície da parede, frequentemente utilizando pedras ou blocos de tamanhos irregulares. A técnica pode ser aplicada a uma variedade de materiais de construção, incluindo pedra, tijolo e concreto. Em alguns casos, a textura é alcançada pela utilização de pedras ou blocos de formas naturais, sem passar por um processo de corte ou modelagem refinada. A bossagem rústica é comumente associada a estilos arquitetônicos que valorizam a autenticidade e a simplicidade. Além disso, ela é encontrada em edifícios de inspiração medieval, fortificações e construções tradicionais. Esta técnica é amplamente empregada em fachadas de edifícios, paredes de contenção, arcos e colunas, conferindo uma aparência mais áspera e natural à estrutura. Em alguns casos, a

bossagem rústica é aplicada em toda a superfície de uma construção, enquanto, em outros, é utilizada de maneira mais seletiva para destacar elementos específicos. A bossagem rústica emerge como uma estratégia eficaz para comunicar uma estética tradicional e sólida em projetos arquitetônicos, proporcionando uma aparência que evoca uma conexão com a natureza e a história. Essa técnica não apenas realça a autenticidade visual, mas também contribui para a narrativa histórica e cultural do edifício, criando uma experiência arquitetônica única.

BOSSAGEM – Saliência sobre uma superfície. Almofadada saliente. Pedra ou tijolo saliente numa parede (LEMOS, Carlos. 1921, p. 80)

Figura 6. Bossagem Fachada Principal do Museu Casa Memória Italiana.



Fonte: Acervo de Paulo Sérgio em 07/2023.

4. Guarda-corpo:

Com elementos de arco superposto o guarda-corpo é uma peça arquitetônica que conjuga a função prática de proteção em áreas elevadas, situando-se no corpo central da residência, com a estética decorativa dos arcos superpostos. Essa fusão engendra uma barreira que é tanto funcionalmente robusta quanto visualmente interessante. Os arcos superpostos, enquanto elementos arquitetônicos que se projetam acima da estrutura principal, acrescentam um componente decorativo significativo. A diversidade de formas que esses arcos podem assumir, como arcos plenos, arcos ogivais (em forma de ogiva) ou outros estilos, reflete as preferências arquitetônicas e o contexto histórico ou cultural. Referindo-se a um elemento estrutural que se projeta verticalmente acima de uma abertura arqueada, essa característica acrescenta um componente decorativo e arquitetônico mais elaborado à estrutura, conferindo-lhe um toque estilizado. A escolha do formato frequentemente reflete a estética global do projeto. O arco

superposto frequentemente incorpora detalhes decorativos, como entalhes, esculturas, ornamentos ou relevos, adicionando complexidade visual ao arco e destacando-se como pontos focais decorativos. Em alguns casos, o arco superposto pode conter significados simbólicos ou históricos, sendo utilizado para representar a importância de uma entrada, destacar um elemento específico da arquitetura ou incorporar elementos culturais ou religiosos.

A estilização do arco superposto deve ser coesa com o estilo arquitetônico geral do edifício, garantindo uma harmonia visual que contribua para a integridade estética do conjunto. A presença cuidadosamente projetada de arcos superpostos não apenas atende a necessidades funcionais, mas também enriquece a experiência arquitetônica ao introduzir elementos ornamentais que narram visualmente a história e a estética do espaço. Essa análise proporciona uma compreensão mais profunda da função e do significado dos guarda-corpos com arcos superpostos na arquitetura residencial.

Figura 7. Guarda-Corpo da Fachada do Museu Casa Memória Italiana.



Fonte: Acervo de Paulo Sérgio, 07/2023.

5. Rocaille Simplificado:

Nomeado no século XVII, o rocaille é um elemento arquitetônico situado na parte superior da porta (contra verga). Este ornamento, caracterizado por formas naturais e orgânicas, incorporou-se à ornamentação do século XVII, apresentando volutas que se apoiam no centro e criam uma espécie de frontão na parte superior da porta. A origem do termo "rocaille" provém da palavra francesa "rocaille", que significa concha. No contexto arquitetônico, o rocaille refere-se a um estilo decorativo associado ao Rococó, um movimento artístico e arquitetônico que floresceu na Europa durante o século XVIII. O Rococó se destaca por suas formas graciosas, assimetria, ornamentos elaborados e elementos inspirados na natureza, tais como conchas, folhagens e flores.

No Museu Casa da Memória Italiana, um frontão com rocaille sobre a porta exemplifica esse estilo.

Figura 8. Elemento Rocaille da Fachada do Museu Casa Memória Italiana.



Fonte: Acervo de Paulo Sérgio, 07/2023.

Essas volutas, elementos em espiral que se assemelham a rolos ou enrolamentos, acrescentam um toque ornamentado e muitas vezes dramático ao sobreverga, criando um elemento visualmente distintivo na fachada do museu. Estas volutas, situadas na parte superior das portas, geralmente em sua extremidade inferior, podem adotar formas simétricas ou assimétricas, introduzindo um elemento dinâmico ao design. Embora frequentemente associadas à ordem jônica da arquitetura clássica, como demonstrado nas colunas anteriormente descritas, as volutas podem ser encontradas em diversas tradições arquitetônicas. Em alguns casos, o frontão com volutas pode conter significado simbólico, representando ideias como elegância, poder ou importância da área sobre a qual está colocado.

A combinação desses dois resultam em uma peça arquitetônica que é simultaneamente clássica e ornamentada, adicionando uma dimensão escultural e visualmente atraente à arquitetura. No contexto do museu, essa ornamentação é delicada e singela, representando um elemento decorativo sutil.

ROCALHA ORNATO cuja forma é derivada dos contornos de pedras e principalmente de conchas. É um elemento decorativo característico das construções influenciadas pelo estilo rococó. Nas antigas edificações, em geral era em talha. Foi usada sobretudo na ornamentação dos interiores de igrejas, em retábulos, arcos, cruzeiros e painéis. 2. A atribuição dada à tendência decorativa voltada para o uso da ornamentação de curvas caprichosas, formas assimétricas e delicadeza dos ornatos, principalmente de conchas estilizadas. O termo é mais aplicado quando referido à arquitetura civil. Na arquitetura religiosa, o gosto rocalha é chamado mais frequentemente gosto rococó. Nos sentidos 1 e 2, a rocalha ou o gosto rocalha é também chamado pelo

nome em francês *rocaille*. (MODESTO, LIMA. 1997, p. 549)

6. Arco lateral:

Diferentemente do lado oposto, encontramos um arco abatido, também conhecido como arco quebrado, um elemento arquitetônico que se destaca por sua forma característica. Ao contrário dos arcos tradicionais, como os arcos plenos e ogivais, o arco abatido apresenta uma curva quebrada, assemelhando-se a duas curvas descendentes conectadas por um ponto inferior. Sua forma única lembra um "S" deitado ou uma curva quebrada, proporcionando uma curvatura mais complexa em comparação aos arcos semicirculares.

O arco abatido é frequentemente associado ao estilo gótico, onde é utilizado em aberturas de janelas e arcadas, sendo conhecido como "arco ogival quebrado". Originário da arquitetura medieval, este arco também foi revivido em movimentos arquitetônicos de revivalismo histórico. Sua forma complexa confere uma sensação de dinamismo e elegância à arquitetura, quebrando a monotonia de formas mais simples e adicionando um elemento visualmente intrigante, como podemos observar na passagem do carro no museu. Atualmente, esse arco abatido é ornamentado com vidraças no estilo "Art Nouveau", um movimento artístico e arquitetônico que prosperou no final do século XIX e início do século XX, conhecido por seu estilo ornamental, orgânico e fluido. Quando um museu incorpora elementos Art Nouveau em sua fachada, especialmente utilizando vidraças, isso pode adicionar referências à arte e cultura italianas. Padrões, símbolos ou representações artísticas inspiradas na rica herança cultural da Itália pode ser incorporados nas vidraças.

É interessante observar que o arco abatido, no contexto do *Museu Casa da Memória Italiana*, foi substituído por um arco pleno ou um arco de volta inteira. O uso de arcos plenos pode fazer alusão à arquitetura italiana clássica, especialmente considerando o contexto do museu. Muitas tradições arquitetônicas na Itália incorporam elementos clássicos em sua estética. A presença de um arco pleno na fachada sugere uma abordagem atemporal e clássica no design arquitetônico, conferindo uma estética distinta e atemporal à Casa da Memória Italiana, complementando a narrativa arquitetônica da estrutura.

Figura 9. Elevação da Fachada Lateral da Garagem do Museu Casa Memória Italiana.



Fonte: Arquivo Histórico de Ribeirão Preto

Figura 10. Arco da Fachada Lateral da Garagem do Museu Casa Memória Italiana.

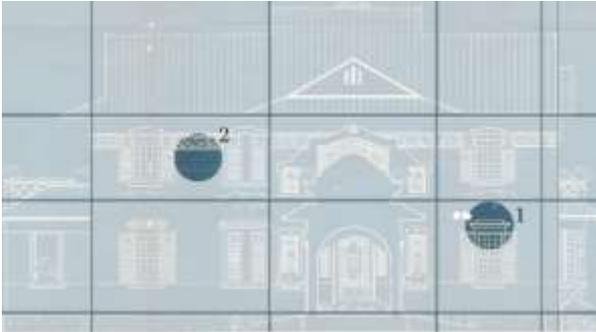


Fonte: Acervo de Paulo Sérgio, 07/2023.

De volta perfeita. Equivalente a meia circunferência. É o arco clássico por excelência. Também chamado de arco de volta inteira, arco de pleno centro, arco de meio ponto, de pleno cintro formalete ou arco romano. É utilizado principalmente em Roma, no Românico, Renascimento e Neoclássico. O arco campanulado corresponde a um arco de volta perfeita apoiado em dois suportes convexos que lhe dão forma. (Escudero, Gomes, Lopes e Murilo. 2014, p. 88)

Fachada Lateral Garagem

Figura 11. Elevação da Fachada Lateral da Garagem do Museu Casa Memória Italiana.



Fonte: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto.

1. Sobreverga:

A arquitetura neocolonial reflete de maneira expressiva a influência dos estilos arquitetônicos coloniais, notadamente aqueles encontrados nas Américas durante os períodos coloniais espanhol e português, reinterpretados sob uma abordagem contemporânea, como observado na parte superior das janelas do museu. A moldura sobreverga na arquitetura neocolonial, em sua maioria, mantém a forma triangular clássica, porém, frequentemente, adota uma simplificação em comparação com as molduras barrocas antigas, apresentando uma geometria básica que ainda preserva a distintiva estrutura triangular na parte superior da fachada ou janelas. Essas molduras na arquitetura neocolonial são intrinsecamente influenciados pelos estilos arquitetônicos coloniais das Américas, que, por sua vez, derivam da arquitetura europeia do período colonial. Em contraste com essas molduras barrocas, que tendem a apresentar uma ornamentação mais simplificada. Elementos decorativos, como detalhes esculpidos, relevos ou padrões geométricos, são incorporados com uma abordagem mais contida. Os cunhais ou cantarias, localizados nas extremidades do triângulo da moldura sobreverga, podem ser acentuados por detalhes decorativos ou elementos esculpidos, criando uma transição suave entre o corpo da estrutura e a moldura. A simetria e o equilíbrio, características distintivas da arquitetura colonial, permanecem como considerações essenciais no design, contribuindo para uma estética clássica e harmoniosa.

Figura 12. Elemento Sobreverga da Fachada Lateral da Garagem do Museu Casa Memória Italiana.



Fonte: Acervo de Paulo Sérgio, 07/2023.

Quarto de bocel ou óvalo.

Perfil corresponde a um quarto de círculo muitas vezes usado como moldura intermédia e assim aparece em janelas, capitéis, entre outros. (Escudero, Gomes, Lopes e Murilo. 2014, p. 384)

Contudo, destaca-se que estas contravergas apresentam, por sua vez, um elemento específico denominado quarto de bocel. Este termo refere-se a um tipo específico de moldura ou aresta frequentemente encontrado em elementos arquitetônicos, como janelas, destacando-se na superfície do objeto, como no caso de uma janela. Essa proeminência cria uma transição distintiva entre duas superfícies adjacentes. No contexto de uma janela, o bocel é comumente localizado ao redor da borda do caixilho, proporcionando uma aresta que enfatiza visualmente a abertura. A forma do bocel pode variar, geralmente manifestando-se como uma borda arredondada ou chanfrada que adiciona detalhes estéticos à janela. Essa característica pode ser mais proeminente nos cantos ou ao longo das bordas horizontais e verticais da janela, conforme exemplificado na imagem acima.

2. Frisos:

O elemento arquitetônico que abrange todo o coroamento das fachadas, conforme mencionado anteriormente, são os frisos. Esses elementos arquitetônicos consistem em faixas horizontais decorativas, frequentemente ornamentadas com relevos, esculturas ou padrões. Dentro do contexto do ecletismo arquitetônico, que engloba uma ampla variedade de estilos e influências, os frisos desempenham um papel significativo como elementos decorativos em fachadas e estruturas. O ecletismo, caracterizado pela incorporação de

elementos de diferentes estilos arquitetônicos, reflete essa diversidade, e os frisos são expressões dessa fusão. Existem frisos ornamentados que variam em detalhes, inspirados em estilos como neoclássico, gótico, renascentista, entre outros. Eles podem incorporar elementos clássicos, como frisos dóricos, jônicos e coríntios, ao mesmo tempo em que apresentam detalhes de outras tradições arquitetônicas, como os estilos Art Nouveau e Art Déco.

Figura 13. Elemento Frisos da Fachada Lateral da Garagem do *Museu Casa Memória Italiana*.



Fonte: Acervo de Paulo Sérgio, 07/2023.

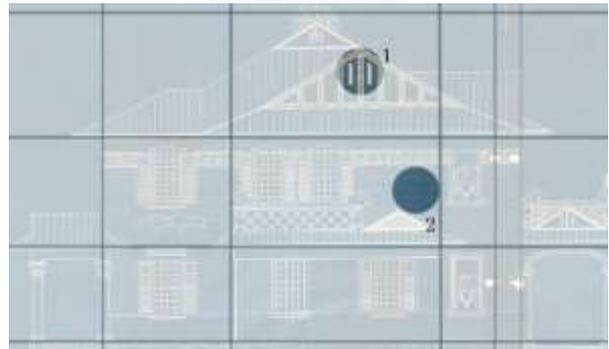
No ecletismo, os frisos são elementos versáteis, capazes de refletir a diversidade e a mistura de estilos arquitetônicos. Sua presença em uma estrutura oferece uma oportunidade para expressão artística e detalhamento decorativo, tornando-se parte integrante do caráter arquitetônico eclético. O friso específico mencionado apresenta folhas de acanto ou parreiras, conferindo uma expressão clássica e elegante à arquitetura. Esses elementos não apenas destacam a habilidade artesanal, mas também conectam a estrutura à rica tradição arquitetônica clássica, proporcionando sofisticação e refinamento ao design. As folhas de acanto, esculpidas em relevo profundo, adicionam uma dimensão tridimensional ao friso, destacando texturas e sombras. Essas folhas, com curvas elegantes e fluidas, são típicas de estilos arquitetônicos ornamentados, como o coríntio. Além das folhas, o friso pode incluir outros elementos decorativos, como flores, videiras ou pequenas figuras, dependendo do estilo arquitetônico específico e das preferências do arquiteto ou escultor. Os frisos são estrategicamente posicionados em locais específicos, como abaixo de uma cornija, acima de uma colunata ou ao redor de uma entrada importante, destacando áreas-chave da fachada ou estrutura, como evidenciado na fachada do museu. Nas fachadas posteriores, os frisos também desempenham um papel significativo,

introduzindo autenticidade e organicidade, como observado na imagem abaixo. Cabe ressaltar que esses frisos aparentemente foram moldados e aplicados posteriormente, não sendo desenhados ou confeccionados *in loco*. No entanto, independentemente do método de aplicação, os frisos contribuem para uma estética clássica e estilística devido às suas formas distintas.

Friso – Espaço que separa a arquitrave da cornija, nas construções clássicas, sendo comumente ornado de escultura ou inscrições. Nome genérico que recebem as barras ou faixas pintadas ou esculpidas ao longo de uma parede geralmente abaixo dos tetos. Tabua estreita e aparelhada tendo nas beiras um preparo com meia-cana, própria para forro ou tetos. (LEMOS, Carlos. 1921, p. 228).

Fachada Posterior

Figura 14. Elevação da Posterior do *Museu Casa Memória Italiana*



Fonte: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto.

1. Oitão:

O oitão na arquitetura brasileira refere-se à extremidade de um edifício, onde as fachadas lateral e frontal se encontram formando um ângulo. Essa parte da arquitetura é frequentemente visível em construções urbanas e residenciais, caracterizando-se pelo ponto onde duas fachadas de um edifício se encontram, formando um ângulo agudo ou obtuso. Geralmente, é uma área triangular no topo do edifício. O oitão pode ser encontrado em uma variedade de estilos arquitetônicos, desde construções mais antigas até edifícios contemporâneos. Sua presença é comum em diversas tipologias arquitetônicas, podendo apresentar diferentes acabamentos e detalhes ornamentais. Em construções mais antigas, é possível encontrar elementos decorativos, como platibandas esculpidas, ornamentos em relevo ou detalhes em alvenaria. O oitão muitas vezes está associado à transição

entre as fachadas e o telhado do edifício, podendo incluir elementos do telhado, como beirais, beiralhões ou beirais trabalhados, dependendo da estética arquitetônica adotada.

Figura 15. Elemento Oitão da Fachada Posterior do Museu Casa Memória Italiana



Fonte: Acervo de Paulo Sérgio, 07/2023.

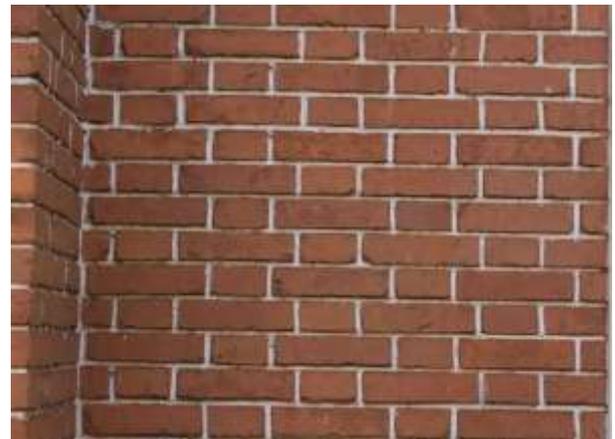
O oitão é encontrado em edificações em todo o Brasil, adaptando-se às características regionais e climáticas do país. Em regiões com climas mais quentes, por exemplo, pode ser projetado para proporcionar sombra e ventilação. Além de desempenhar um papel funcional na arquitetura, o oitão pode ter significados culturais e históricos, especialmente em edifícios mais antigos que refletem os estilos arquitetônicos de diferentes períodos, como o *Museu Casa da Memória Italiana*. Na arquitetura neocolonial brasileira, o oitão é um elemento arquitetônico que se destaca na composição das fachadas e pode apresentar características distintivas que remetem ao período colonial brasileiro. Esse elemento muitas vezes destaca-se pela presença do telhado e seus beirais, que podem ser amplos e projetados, proporcionando sombra e proteção às paredes laterais do edifício. A arquitetura neocolonial busca emular características da arquitetura colonial brasileira, que, por sua vez, foi influenciada pelas tradições arquitetônicas portuguesas e espanholas. O oitão, nesse contexto, reflete essas influências culturais e estilísticas. Já no estilo eclético, pode incorporar elementos de diversos períodos e regiões coloniais, refletindo a diversidade estilística que contribuiu para a formação da arquitetura.

2. Parede de Tijolos:

Essas são características que podem ser encontradas em vários estilos arquitetônicos, incluindo o eclético e o neocolonial. A presença de paredes de tijolo com emparelhamento estilo flamengo nestes estilos não se refere apenas ao material utilizado, mas também à maneira como os tijolos são empregados, sua disposição e possíveis detalhes decorativos. Na arquitetura eclética, que abraça uma variedade de estilos, as

paredes de tijolo podem ser adaptadas para refletir diferentes influências. Podem apresentar tanto uma aparência mais rústica quanto detalhes refinados, dependendo das preferências do arquiteto. Na arquitetura neocolonial, as paredes de tijolo frequentemente buscam resgatar elementos da arquitetura colonial brasileira, remontando às tradições arquitetônicas do período colonial. Podem manter a textura natural dos tijolos ou serem revestidas com argamassa para criar uma superfície mais lisa. A cor natural dos tijolos ou pigmentação pode ser escolhida para harmonizar com o ambiente e muitas vezes se complementam com telhados de telha cerâmica, que são característicos da arquitetura neocolonial, como podemos ver nas fachadas do museu.

Figura 16. Tijolos da Fachada Posterior do Museu Casa Memória Italiana



Fonte: Acervo de Paulo Sérgio, 07/2023.

Podemos também fazer referência ao estilo na arquitetura Arts & Crafts, onde a parede de tijolo aparente é frequentemente empregada como parte integrante do estilo, refletindo os princípios do movimento Arts & Crafts, que valorizava a simplicidade, a honestidade dos materiais e a ênfase no artesanato. A parede de tijolo aparente é muitas vezes considerada um elemento fundamental e expressivo. Os tijolos não são apenas um material de construção, mas desempenham um papel estético significativo, e isso está presente em toda a fachada do museu, como podemos observar nas análises anteriores.

Fachada Lateral Escritório

Figura 17. Elevação da Fachada Lateral do Escritório do Museu Casa Memória Italiana



Fonte: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto.

1. Vitrais:

Os vitrais eram frequentemente utilizados na arquitetura Art Nouveau, constituindo uma característica distintiva que desempenhava um papel importante na estética geral do edifício. Os vitrais nesse contexto frequentemente apresentavam designs com formas orgânicas, curvas sinuosas e padrões inspirados na natureza. Linhas fluidas e motivos florais eram comuns, enquanto as paletas de cores utilizadas eram vibrantes e ricas, incluindo tons intensos e nuances variadas. A transparência dos vitrais permitia a entrada de luz colorida nos interiores, criando um ambiente luminoso e dinâmico. Elementos como flores, folhas, insetos e formas abstratas eram frequentemente representados nos vitrais, refletindo o fascínio da época pela natureza e suas formas orgânicas. Esses vitrais eram comumente integrados a janelas, portas ou outras aberturas arquitetônicas, desempenhando não apenas um papel decorativo, mas também ajudando a criar uma atmosfera única e a filtrar a luz de maneira artística.

Figura 18. Janela da Fachada Lateral do Escritório do Museu Casa Memória Italiana



Fonte: Acervo de Paulo Sérgio, 07/2023.

O vidro era cortado e moldado com precisão, e as peças individuais eram frequentemente unidas por tiras de chumbo. Um exemplo notável pode ser

observado nas duas janelas com elementos que remetem à natureza do estilo Art Nouveau, mas com um toque brasileiro, como a representação de araras e flores nativas. O dinamismo e o enquadramento, juntamente com a luminária pendente ao lado, trazem essa referência ao estilo Art Nouveau de forma marcante.

Conclusões

A pesquisa científica revelou-se uma jornada fascinante e enriquecedora, proporcionando uma compreensão profunda da interseção entre arte, arquitetura e cultura italiana. Ao explorar meticulosamente cada ornamento, foi analisado diversas camadas de significados, estéticas e técnicas que compõem esse patrimônio arquitetônico na cidade de Ribeirão Preto. A análise detalhada dos ornamentos externos permitiu não apenas decifrar as nuances estilísticas e artísticas presentes, mas também desvendar as narrativas históricas e simbologias incorporadas em cada elemento decorativo. Ao contextualizar esses ornamentos no panorama histórico e cultural, a investigação proporcionou uma visão rica das influências que moldaram a estética do Palacete *Museu Casa da Memória Italiana*. Esses elementos ornamentais não são apenas testemunhos silenciosos de períodos passados, mas expressões vivas da identidade cultural italiana, refletindo os valores, crenças e aspirações de suas épocas respectivas. A pesquisa também evidenciou o papel crucial desses ornamentos na transmissão da memória italiana. O Palacete *Museu Casa da Memória Italiana* não é apenas um espaço arquitetônico, mas uma narrativa viva que se desenrola por meio de seus ornamentos externos, proporcionando aos visitantes uma experiência. A preservação desses elementos decorativos é, portanto, essencial para garantir a continuidade dessa narrativa cultural ao longo das gerações. Em conclusão, esta pesquisa oferece uma contribuição significativa para o entendimento dos Ornamentos Externos do Palacete, destacando sua importância como testemunhos artísticos, culturais e arquitetônicos. Ao aprofundar o conhecimento sobre esses elementos, fortalecemos não apenas nossa conexão com o passado, mas também promovemos a valorização e preservação de um patrimônio que transcende as fronteiras do tempo e enriquece a compreensão da rica herança italiana.

Referências

CORONA, Eduardo; LEMOS, Carlos A. C. **Dicionário da Arquitetura Brasileira**. 2ª ed. – São Paulo: Romano Guerra, 2017. (Coleção RG facsímile, 3).

DUCHER, Robert. **Características dos Estilos**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ESCUREDO, Lorenzo de La Plaza (comp.). **Dicionário Visual de Arquitetura**. Lisboa: Quimera, 2014.

FABRIS, Anna Teresa (org.). **Ecletismo na Arquitetura Brasileira**. São Paulo: Nobel Edusp, 1987.

FRANCISCO, Gilberto da Silva. **Ecletismo Paulista Breve Introdução à Arquitetura Clássica em São Paulo**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015.

GLERIA, A. C. **A Relação entre as Transformações Urbanas e a Produção Arquitetônica de Ribeirão Preto entre os Anos 1900 e 1930**. Cadernos de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, [S. l.], v. 13, n. 2, p. 23, 2014. Disponível em: <https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cpgau/article/view/GLERIA.2013.2>. Acesso em: 10 fev. 2024.

HOMEM, Maria Cecília Nacleiro. **O Palacete Paulistano e outras formas urbanas de morar da elite cafeeira**. São Paulo: Wmf, 2010.

KOCH, Wilfried. **Dicionário dos Estilos Arquitetônicos**. São Paulo: Wmf, 2009.

LEMOS, Carlos A. C. **Alvenaria burguesa: breve história da arquitetura residencial de tijos em São Paulo a partir do ciclo econômico liderado pelo café** - 2ª edição rev. ampl.. São Paulo: Nobel, 1989.

GLERIA, A. C. **Da moradia popular à casa burguesa: as maneiras de morar através dos registros oficiais de Ribeirão Preto da década de 1920**. (2022). Anais Do Museu Paulista: História E Cultura Material, 30, 1-54. <https://doi.org/10.1590/1982-02672022v30e16>

GLERIA, A. C. **Casa e documentação: a história contada através de um acervo de projetos**. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Instituto de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo: 2020.

VICHNEWSKI, Henrique Telles (org.). **Dossiê de Tombamento Museu Casa da Memória Italiana**. Ribeirão Preto: Proac Editais, 2021.